

Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL

Natania A. Silva Nogueira
Especialista em História do Brasil
nogueira.natania@gmail.com

Resumo: No presente trabalho, faremos uma análise das representações das mulheres nas histórias em quadrinhos publicadas no Brasil pela Ebal dos anos 50/70. Nosso objetivo é identificar mudanças e permanências em relação à imagem e ao discurso criado em torno das mulheres, algumas vezes a heroína destemida e independente, outras vezes a mocinha sempre em perigo, necessitando da proteção masculina. Ao mesmo tempo, iremos fazer uma ponte entre o discurso e a prática social, ligando a realidade vivida pelas mulheres – nos contextos específicos em que as histórias em quadrinhos foram concebidas – e a representação que se deseja fazer delas.

Palavras-chave: gênero, histórias em quadrinhos, representações.

1 - Introdução

Um meio de comunicação em massa que está presente entre nós há mais de um século, as histórias em quadrinhos têm uma proposta democrática e se propõe a atingir públicos diferenciados, econômica e socialmente. Ao trabalhar com texto e imagem os quadrinhos (ou HQs), podem ser entendidos por todos os tipos de leitores, independentemente de sua faixa etária, grupo sócio-econômico ou origem étnica. Esta virtude torna este tipo de leitura um espaço privilegiado de representações sociais. *Dos cenários aos enredos, passando pelos personagens, tudo nas histórias em quadrinhos pode ser visto como uma apropriação imaginativa de conceitos, valores e elementos que foram, são ou podem vir a ser aceitos como reais.*¹

Nas linhas que se seguem iremos analisar os quadrinhos norte-americanos, produzidos nas décadas de 1950-1960 e publicados no Brasil pela Editora Brasil América (EBAL), uma das mais importantes editoras de quadrinhos do Brasil. Nestes quadrinhos iremos tentar identificar como se construíam os papéis de gênero, cujo conceito para **Scott** significa,

*(...) saber a respeito das diferenças sexuais. Uso saber, seguindo Michel Foucault, com o significado de compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas, no caso, relações entre homens e mulheres. Tal saber não é absoluto ou verdadeiro, mas sempre relativo. (...) O saber não se relaciona apenas a idéias, mas a instituições e estruturas, práticas cotidianas e rituais específicos, já que todos constituem relações sociais. O saber é um modo de ordenar o mundo e, como tal, não antecede a organização social, mas é inseparável dela.*²

Desde que surgiram, as histórias em quadrinhos se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, valores, preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmo produtos de sua época. Nos quadrinhos estão as representações do real, ou daquilo que no que se deseja transformar a realidade.

¹ BARCELLOS, Janice Primo **O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte I: A mulher pelos olhos dos homens.** Disponível em http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm, acesso em 18/05/2008

² SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a *Gender and Politics of History*. **Cadernos Pagu** (3) 1994, p. 12.

² OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado - as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990).* - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007, p. 23.

“Protegidos pela tinta e pelo papel, os personagens das histórias em quadrinhos materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvinculado do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes.”³

O mundo das histórias em quadrinhos (HQs) norte-americanas é um mundo de supremacia masculina. Mesmo nos quadrinhos de super-heróis as mulheres sofrem preconceitos. Por anos, elas foram quase sempre retratadas ora como mocinhas indefesas que precisavam de heróis para salvá-las, ora como vilã sem moral, que provocam os heróis virtuosos. Nos dois casos, elas sempre saem perdendo, seja pela dependência que desenvolvem em relação ao homem, seja por suas ações imorais, suas roupas decotadas, sua falta pudor ao desfilarem sua feminilidade – ou pelo menos aquilo que os autores transformaram em feminilidade.

Mas mesmo precisando dos homens, as mulheres dos quadrinhos foram aos poucos ganhando sua autonomia, conquistando seu espaço. Dois exemplos são Diana Palmer, esposa do Fantasma, e Lois Lane, eterna namorada do Superman. Elas são mulheres decididas e arrojadas, que quando surgiram (entre as décadas de 30 e 40) apresentavam uma independência e determinação incomuns para a época. *Diana era uma voluntária da ONU, quase uma diplomata, que viajava o mundo tentando corrigir injustiças. Já Lois Lane era uma repórter que se metia em diversas encrencas para que os seus leitores pudessem saber a verdade⁴.*

Heroínas sem super-poderes, sempre dispostas a encarar o perigo, mas sempre esperando serem salvas pelos *verdadeiros* heróis, as mulheres dos quadrinhos assumiram modelos diversos, que foram se modificando à medida em que as mulheres de reais iam conquistando seu espaço na sociedade. De simples heroínas românticas elas ganharam poderes. No entanto, o poder maior, de se igualar aos homens nos quadrinhos ainda está para ser conquistado.

2 - Super-Mulheres & Super-Homens

³ Idem

⁴ DOMINGUES, Guilherme Kroll. **Mulheres nos Quadrinhos**. Disponível em: <http://www.homemnerd.com/coluna.php?sessao=COM&id=0>, acesso em 23/03/2008

William M. Marston criou a Mulher Maravilha em 1941, uma super-heroína que passou a dividir espaço com astros como Super-Homem e Batman. A especialidade de Marston na área da psicologia era a teoria do gênero e alguns dos seus pontos de vista seriam tão radicais hoje quanto eram na década de 40. Marston acreditava que as mulheres eram por natureza mais honestas, generosas e confiáveis que os homens.

A personagem ganhou sua própria revista em quadrinhos no verão de 1942, e foi transferida exclusivamente para a DC Comics em 1944. Marston escreveu todas as histórias da Mulher Maravilha até a sua morte em 1947.

A Mulher Maravilha incorporou a visão que Marston tinha das mulheres: inteligentes, honestas e gentis. Ela possuía grande força de persuasão. Como amazona, tinha habilidade em combates corpo-a-corpo. Ao contrário dos outros super-heróis, a sua missão não era só acabar com o crime, mas também reformar os criminosos e torná-los cidadãos de bem⁵.

Em 1975 a EBAL publicou a *Origem da Miss América – A Mulher Maravilha*, em edição colorida. Tratava-se da aventura publicada nos Estados Unidos em 1942, na revista *Wonder Woman*, n. 01. Nela a Mulher Maravilha – chamada de Miss América – era apresentada ao público como uma campeã das forças do bem – representadas pelos Estados Unidos -, que se propõe a lutar contra as forças do mal, que assumiam a forma da Alemanha nazista. Já na página 03 (Fig.1), Moulton apresenta a personagem a partir de suas qualidades *superiores*, que podem remeter ao ideal do *amazonismo*, definido décadas mais tarde por **Sal Randazzo** como *expressão extrema da mulher guerreira, que considera o patriarcado, assim como os homens, essencialmente opressivo*.⁶

⁵ COUSTAN, Dave. **Os segredos proibidos da Mulher Maravilha**. Disponível em <http://lazer.hsw.uol.com.br/mulher-maravilha.htm>, capturado em 25/05/2008.

⁶ OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Eu sei que eu sou bonita e gostosa. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso de Ciências da Comunicação – BH/MG. 2003, p.07



Fonte: A Origem dos Heróis, n. 03, EBAL, Rio de Janeiro, 1975, p. 03 (Publicado Originalmente em Wonder Woman, nº. 01, 1942). Fig. 1

*A história de Miss América, a Mulher Maravilha, é a saga de uma raça. Ela remonta a idade dourada em que mulheres orgulhosas e belas, mais forte que os homens dominavam a Amazônia e adoravam a imortal Afrodite, a deusa do amor e da beleza. Desta Glória lendária, que as amazonas de hoje ainda preservam, surge Miss América, a mulher mais poderosa e atraente dos tempos modernos, a jovem que renunciou à sua herança de paz e felicidade para ajudar a América a lutar contra o mal e a agressão.*⁷

Em tempos de guerra, ela representava a força das mulheres norte-americanas, que deveria trabalhar para que seu país se mantivesse firme e unido, enquanto os homens lutavam na guerra contra os nazistas e em nome da liberdade. *Moulton acabou criando uma personagem que se encaixava perfeitamente nas exigências do período da guerra, quando a mulher foi convocada a ocupar as colocações masculinas das fábricas, do campo e*

⁷ A Origem dos Heróis, n. 03, EBAL, Rio de Janeiro, 1975, p. 03

*comércio*⁸. Ela é a mulher que vai a luta pelos seus ideais e se sacrifica por eles, mas sem perder sua identidade feminina: a mulher mais poderosa e atraente dos tempos modernos, a jovem que renunciou à sua herança de paz e felicidade para ajudar a América a lutar contra o mal e a agressão.

A Mulher-Maravilha vem representada como uma mulher forte e auto-suficiente, que como no código das amazonas não admite a ajuda dos homens, mostrando todo o espírito feminista representado na personagem. Mas ela também é feminina, é atraente, bonita, adoradora da deusa grega da beleza e do amor – sendo beleza e a capacidade de amar considerados qualidades ideais da mulher. Nesta história, Afrodite desafia Ares, deus da guerra dizendo que poderia vencer o ódio e a violência através do amor.



Fonte: A Origem dos Heróis, n. 03, EBAL, Rio de Janeiro, 1975, p. 13. **Fig.2**

A Mulher-Maravilha surgiu em uma sociedade cheia de tabus, em que homens e mulheres tinham seus papéis definidos. Esta heroína teve que quebrar preconceitos da época,

⁸ OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Cit, p. 2007, 109.

e tabus machistas⁹. Após a II Guerra, quando os homens voltaram para suas casas e seus trabalhos e as mulheres foram redirecionadas aos lares e ao cuidado com os filhos, a personagem foi redefinida passando a figurar em segundo plano, ficando menos inteligente e explorando mais seus dotes físicos. Nas aventuras da Liga da Justiça, por exemplo, até cafezinho foi obrigada a servir.

3 - Representações do feminino nos quadrinhos da EBAL

Tendo por base a idéia de que os quadrinhos de super-heróis produzidos entre os anos de 1950-70 incorporam imagens idealizadas da mulher, que são na verdade representações de desejos, fetiches e mesmo do moralismo machista dos desenhistas e escritores norte-americanos, que vendem um modelo de mulher que ao mesmo tempo é forte e frágil, destemida e insegura, sempre necessitando do auxílio masculino, procuramos analisar um grupo de revistas e personagens publicadas pela EBAL e identificar estas representações, tendo como objeto as **super-mulheres**.

Dentre a série de histórias em quadrinhos analisadas, vamos apresentar três, que consideramos exemplares, dado o tratamento recebido pelas personagens femininas. Além de buscar neste material, representações de mulheres idealizadas pela sociedade – tanto em suas qualidades quanto em seus defeitos -, propomos um exercício lúdico, que pode ser útil no uso deste tipo de fonte, seja na academia ou nas salas de aula do curso regular.

As duas primeiras personagens a serem analisadas são duas super-heroínas criadas a partir do sucesso de dois super-heróis: a Batmoça (que em algumas revistas da EBAL aparece também com o nome de Mulher Morcego) e a Super-Moça. Ambas, subprodutos de personagens masculinos – Batman e Super-Homem.

A primeira história, que tem como título *O plano de Super-Morça e Mulher Morcego*¹⁰, publicada no Brasil em 1969, mostra a Super-Moça e a Batmoça tentando destruir a reputação do Super-Homem e do Batman, aparentemente por inveja de seu sucesso.

⁹ NEIS, Josemara. Mulher Maravilha. In: **O mundo infanto-juvenil e as relações de gênero: olhares ampliados** ST. 8, disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Josemara_Neis_08.pdf, acesso em: 20/04/2008.

¹⁰ **Batman & Robim e Super-Homem: juntos contra o mesmo inimigo**. Rio e Janeiro, EBAL, n. 28, abril/1969.

Mesquinhas e maldosas, tal como são representadas as vilãs, elas fazem todo o tipo de maldade e os homens aparecem como vítimas indefesas de mulheres desonestas (Fig. 3 e 4).

Embora o Super-Homem, em alguns momentos, solte a frase: - *Não acredito que minha prima esteja fazendo isto comigo*”, não há convicção da inocência da jovem heroína. Batman nem ao menos se dá ao trabalho de duvidar: de imediato acredita que a Batmoça é culpada. No fim, descobre que se trata de um truque de dois seres interdimensionais e que as moças estavam, na verdade, presas em outra dimensão, da qual fogem a tempo de desmascarar os dois impostores.



Fonte: **Batman & Robim e Super-Homem: juntos contra o mesmo inimigo**. Rio e Janeiro, EBAL, n. 28, abril/1969 (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado) **Fig. 3 e 4**

Se por um lado, parece que elas salvaram o dia, por outro podemos perceber como é nítida a representação que se faz da mulher – sendo ela parente ou mesmo parceira, como é o caso das duas heroínas. Primeiro, o autor as coloca como vilãs: mesquinhas, invejosas, ardilosas, insensíveis ao sofrimento que causam aos homens. Em seguida, elas se tornam as vítimas de um plano diabólico, que precisam ser salvas. Mesmo que este salvamento não ocorra, elas não vencem os vilões, pois eles se revelam e simplesmente partem.

Na segunda história, *Os Rasgões do uniforme da Mulher Morcego*¹¹, a Batmoça enfrenta um inimigo diferente: sua feminilidade. Na história ela se atrapalha várias vezes durante suas lutas contra o crime, por motivos frívolos, como arrumar a máscara ou tirar a lama do rosto. Logo na primeira página aparecem Batman e Robin reclamando:

- Quando ela tiver acabado de se enfeitar... A luta terá terminado (Fig.6).



Fonte: **Batman**. Rio de Janeiro, EBAL, nº 52, Fevereiro/ 1969. (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado). **Fig.5 e 6.**

Em seguida, durante uma perseguição, ela se distrai arrumando a máscara, que está quase sendo rasgada, e acaba deixando os bandidos fugirem. O narrador solta a frase:

- *E como qualquer outra moça...*

Desgostosa e humilhada pela situação ela reclama que foi traída pela sua vaidade e jura que vai esquecer seu *instinto feminino*. Ora, preocupar com a aparência, segundo a mensagem que do autor da história, é um instinto próprio das mulheres, que as torna superficiais, inferiores aos homens. Já na última parte da história, ele se redime de uma forma peculiar. Ao rasgar a meia-calça, acaba chamando a atenção dos bandidos e facilitando o trabalho da dupla dinâmica, fazendo assim um *bom uso da sua feminilidade*. Sozinha, no último quadro, revela ao leitor que rasgou a meia de propósito, pois ser feminina é uma arma da mulher (Fig. 7).

¹¹ **Batman**. Rio de Janeiro, EBAL, n. 92, Fevereiro/1969.



Fonte: **Batman**. Rio de Janeiro, EBAL, nº 52, Fevereiro/ 1969. (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado). **Fig. 7**

De todas histórias em quadrinhos que analisamos esta talvez seja a que mais reflete a representação ideal do feminino: para as heroínas, basta ser feminina, para ajudar os homens a lutar contra o mal. Ela, portanto, não é igual aos homens, mas pode ajudá-los sem precisar querer ser como eles. Aliás, esta é a conclusão a que chega a Batmoça, ao final da história.



Fonte: **As três super-amigas de Super-moça**. Super-Moça. Rio de Janeiro, EBAL, n. 8, junho/1969 (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado) **Fig. 8**.

Voltando a Super-Moça, é interessante notar que mesmo com seus poderes iguais aos do Super Homem, ela se considera a “arma secreta” dele e sua maior preocupação é agradar ao primo. Quando ela vai para o futuro, conhecer a Legião dos Super Heróis, pensa que não

haveria mal em fazer parte do grupo e ter novas amigas, pois seu primo já havia feito, em adolescência, por isto aprovaria (Fig: 8). Ou seja, precisa da permissão do Super-Homem até para interagir com outras mulheres. A personagem não tem autonomia, sendo apenas uma extensão daquele herói.

Em outra cena, ela é salva graças a um equipamento emprestado por um membro da Legião dos Super-heróis e se mostra imensamente agradecida, ficando reduzida a uma heroína a vítima, mostrando que as relações entre homens e mulheres não são simétricas, mesmo quando se trata de uma heroína com super-poderes.

Na mesma revista, em outra aventura a jovem heroína, que mora em um orfanato, entra em pânico quando um casal deseja adotá-la. Supostamente, o desejo de uma menina sem família é ser adotada e ter um lar. No caso da heroína, isto seria impossível, pois poderiam descobrir sua identidade secreta o que prejudicaria o Super-Homem. A ela sacrifica sua felicidade em nome da felicidade do primo (Fig.9) . Não é isto que se espera das futuras esposas e mães, que se sacrifiquem pelos maridos e os filhos?



Fonte: **As três super-amigas de Super-moça**. Super-Moça. Rio de Janeiro, EBAL, n. 8, junho/1969 (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado) **Fig. 9**.

As super-heroínas das revistas analisadas estão sempre inseguras quanto a si mesmas, sempre se comparando com os homens e sempre dependentes deles de alguma forma. Elas

precisam da sua aprovação, como é o caso da Super-Moça e da Batmoça (Mulher Morcego) e quando demonstram algum desejo de igualdade, ele é ridicularizado por meio de atitudes infantis e cara de choro que só servem para fragilizar ainda mais a personagem nas HQs.

Enquanto que a Super-Moça ganhou uma revista própria pela Ebal, no início de 1969, a Moça Maravilha tinha seu nome suprimido na capa revista da Turma Titã – grupo formado por parceiros adolescentes de super-heróis -, que apresentava apenas os “meninos”, embora ela fosse uma das fundadoras do grupo. Dianinha também tem um número menor de falas e, em uma revista aparece como uma adolescente fútil, fã de um cantor de rock popular, cujas poucas falas usa para “tietar” seu ídolo. (Fig.10)¹²



Fonte: **O terrível Mercado de ameaças**. Turma Titã. Rio de Janeiro, EBAL, n. 6, abril/1969. (Acervo da Gibiteca da E. M. Judith Lintz Guedes Machado). **Fig. 10.**

Esta era o modelo feminino representado nos quadrinhos. A boa moça, heroína, mesmo quando representada pelo **modelo super-mulher** – caracterizado pela beleza física, o erotismo e o amazonismo -, estava sempre sujeita a fraquezas associadas aos papéis femininos de gênero, tais como a vaidade, a preocupação com a aparência, a insegurança e uma

¹² **O terrível Mercado de ameaças**. Turma Titã. Rio de Janeiro, EBAL, n. 6, abril/1969.

dependência quase patológica de um homem que a salve nos momentos mais difíceis. Nas palavras de Selma Regina Nunes de Oliveira,

A imagem da mulher dos anos 1960 era a bonita, a frívola, a jovem e quase infantil e também,(...),a fofo, a feminina, a passiva, a privilegiada e a totalmente satisfeita em seu universo doméstico; denominada pelo autor como mística feminina, esse modelo foi incorporado pela mulher norte-americana dos anos 1950 e 1960.¹³

A mística feminina acabou sendo substituída por outros modelos do feminino, nos quadrinhos, e, embora as mulheres dos quadrinhos norte-americanos tenham ganhando relativa autonomia, continuam, seus corpos atléticos e sua beleza inigualável as tornam representações de fetiches masculinos e um tormento para as mulheres reais, uma vez que sua forma estética é muito diferente daquela da maioria das mulheres comuns, que trabalham, cuidam dos filhos e vivem em uma realidade onde ser uma super-heróina é suportar os obstáculos impostos às mulheres em todas as esferas sociais.

Representa-se aquela mulher que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada. Não apenas uma imagem: uma imagem-reflexa que termina sendo o reflexo de uma imagem. A representação, deste modo, impõe-se como um símbolo e extrai a sua força do fato de que tal símbolo deve obedecer estritamente ao que se quer representado¹⁴

4 – Considerações finais

Os quadrinhos são um meio de comunicação de massa que vem se expandido cada vez mais, seja em sua forma impressa, seja em sua forma digital, alcançando um número cada vez maior de consumidores. Como qualquer mídia eles podem ser bem ou mal usados, por isto é necessário que se tenha um certo contato com este tipo de fonte como uma forma de entender o que ele pode representar para o universo juvenil e mesmo para o adulto. Saber quem são os heróis e as heroínas de nossas crianças e jovens é tentar entender que valores, que (pré)conceitos, que modelos padronizados estão sendo circulando em nossa sociedade.

Se nos anos de 1950 e 1960 os quadrinhos faziam circular um modelo feminino padronizado, eles também nos mostram representações masculinas idealizadas, eles refletem os valores sociais de seus autores e mesmo as tendências políticas de toda uma sociedade –

¹³ OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Cit, p. 101.

¹⁴ BARCELLOS, Janice Primo. Op. Cit.

mesmo os quadrinhos eram submetidos a censura e obrigados a seguir um rígido código de ética. Uma menina pode se identificar com a Mulher Maravilha por várias razões: por ela ser mais forte que os homens, por ela ser mais inteligente ou por ela ser mais bonita. Uma personagem de papel pode vir a ser o modelo, um mito, que irá guiar as ações de uma criança, que se tornará um adulto e que irá reproduzir de alguma forma estes valores.

Referências

A Origem dos Heróis, n. 03, EBAL, Rio de Janeiro, 1975.

As três super-amigas de Super-moça. Super-Moça. Rio de Janeiro, EBAL, n. 8, junho/1969.

Batman. Rio de Janeiro, EBAL, n. 92, Fevereiro/1969.

Batman & Robim e Super-Homem: juntos contra o mesmo inimigo. Rio e Janeiro, EBAL, n. 28, abril/1969.

BARCELLOS, Janice Primo **O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte I: A mulher pelos olhos dos homens**. Disponível em http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm, acesso em 18/05/2008

COUSTAN, Dave. **Os segredos proibidos da Mulher Maravilha**. Disponível em <http://lazer.hsw.uol.com.br/mulher-maravilha.htm>, capturado em 25/05/2008

DOMINGUES, Guilherme Kroll. **Mulheres nos Quadrinhos**. Disponível em: <http://www.homemnerd.com/coluna.php?sessao=COM&id=0>, acesso em 23/03/2008

FLAX, Jane. Pós-moderno e relações de gênero na teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.). **Pós-modernidade e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

NEIS, Josemara. Mulher Maravilha. In: **O mundo infanto-juvenil e as relações de gênero: olhares ampliados** ST. 8, disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Josemara_Neis_08.pdf, acesso em: 20/04/2008.

O terrível Mercador de ameaças. Turma Titã. Rio de Janeiro, EBAL, n. 6, abril/1969.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao Quadrado - as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007

----- Eu sei que eu sou bonita e gostosa. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso de Ciências da Comunicação – BH/MG. 2003**

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a *Gender and Politics of History*. **Cadernos Pagu** (3) 1994.